

COM A PALAVRA



Fotos: ARQUIVO PESSOAL

Elias Machado

Imprensa não é o quarto poder

Quem ingressou no curso de jornalismo da UFSM no final dos anos 1980 se deparou com um estudante que mais que respeito, causava um certo temor quando se pronunciava nas assembléias estudantis convocadas pelo Diretório Acadêmico Mário Quintana. O estilo discursivo era aguerrido e intimidador, típico de um militante identificado com a corrente conhecida como Convergência Socialista, ala dita mais radical dentro do Partido dos Trabalhadores à época. No entanto, a postura militante de Elias Machado Gonçalves hoje deu espaço a uma postura de um conceituado pesquisador na área de Comunicação. Elias é autor de obras entre as quais "Manual de Jornalismo na internet" e, mais recentemente, de "O jornalismo digital em base de dados". Aos 41 anos, o gaúcho de Cacequi é doutor em jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha). Casado, sem filiação partidária, é professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo (SBPJor) até novembro de 2007. O docente da UFSC esteve em Santa Maria no dia 26 de julho para participar do seminário de estudos em jornalismo, promovido pela UFSM, que também serviu para a comemoração dos 30 anos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom). Em entrevista à repórter Adriana Garcia, Elias Machado falou sobre as tendências do jornalismo atual, destacando também que não considera a mídia um "quarto poder", mas apenas um dos poderes existentes. Isso explica, segundo ele, que, apesar da contrariedade de poderosos grupos de comunicação, Hugo Chávez se mantém à frente do governo venezuelano, o mesmo ocorre com Lula no Brasil. Acompanhe a seguir a entrevista ao Jornal da SEDUFSM, que teve alguns trechos suprimidos devido a espaço, mas, que, poderá ser conferida integralmente em www.seduksm.com.br, que é a página eletrônica do sindicato. (Fritz Nunes)

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta – Qual a importância da internet para o jornalismo atual? O que o senhor pensa dos espaços dos blogs?

Resposta- Com o surgimento da internet, mudou a prática do jornalismo em todos os seus aspectos. Em qualquer que seja a época, o jornalismo funciona como estágios de produção, seja na apuração, na produção ou circulação. Com isso se precisou inventar, dentro dos períodos históricos, modelos desses processos. Sempre que tem uma revolução tecnológica se provoca um conjunto de modificações nessas três esferas. Não seria diferente no jornalismo digital e da internet. Nós tivemos e estamos passando por mudanças profundas nos processos de informação. A grande diferença é que até o século XIX, a produção do jornalismo era muito descentralizada, porque a produção jornalística não estava na forma hegemônica, centralizada nas empresas jornalísticas. As empresas são uma invenção histórica, nem sempre elas existiram. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que se constitui a profissão de jornalismo. Nem sempre existiram jornalistas profissionais, que também são uma invenção do século XIX. Na realidade, o próprio ensino do jornalismo como uma disciplina universitária é uma invenção já do século XX. Então, obviamente isso tem a ver com as revoluções tecnológicas. Porque com o aparecimento da imprensa é que se chegou a necessidade de se estruturar isso como um negócio e se formar profissionais que pudessem padronizar essa informação. Agora, nós estamos passando por uma reconfiguração dessas práticas. Agora, os blogs não são uma invenção do jornalismo. Aliás, eles chegam tardiamente ao jornalismo. Muito antes de serem apropriados pelos jornalistas eles foram ativados e acionados pelos movimentos sociais e ou por relações da esfera íntima, tanto é que os primeiros blogs são pessoais. Com o tempo é que foram apropriados como toda a tecnologia, que nasce com o propósito e os movimentos sociais e as necessidades econômicas vão fazer com que novas utilizações sejam dadas. Hoje, o que nós temos é que o blog já se configura como um novo gênero do jornalismo, como um novo formato. Isso se dá de várias formas: seja incorporado a organizações jornalísticas tradicionais, ou esteticamente todos os jornalistas estão estimulados pelas próprias empresas para manterem os blogs atualizados; seja por jornalistas isolados que mantêm blogs ou grupos de pesquisadores - o meu grupo de pesquisa tem um blog que é acionadíssimo por pessoas de

diferentes pontos do mundo. Isso acaba implicando na utilização do espaço dos blogs na fonte de informação, para a própria produção e para a circulação das informações.

P - Uma tese antiga fala da mídia como o quarto poder. Nós temos dois exemplos, que de certa forma, colocam em xeque esse poder. Quando em 2002 houve a tentativa do golpe a Hugo Chávez na Venezuela e agora em 2005 e 2006 a imprensa brasileira expôs a corrupção do PT e de todo o governo Lula, com as denúncias e tudo o mais. Mas mesmo assim, o presidente se reelegeu, com ampla maioria de votos. Como o senhor analisa esses dois casos?

R- Nesses casos, como em muitos outros, nós temos é uma má teoria. Uma boa teoria é aquela que explica a prática e as suas circunstâncias. Na realidade, a teoria que atribui aos meios de comunicação um poder que eles nunca tiveram não é uma boa teoria. Os meios de comunicação não são um quarto poder e nunca foram. Porém, eles são um poder a mais na sociedade. O campo do jornalismo é um poder de fato, mas como um ator a mais. A igreja por exemplo é um ator, tem poder. Os partidos políticos, os movimentos sociais, como os Sem-Terra são atores sociais, com seu determinado poder. Agora atribuir ao MST a decisão do governo de fazer ou não reforma agrária é evidente que não, pois o governo vai considerar uma série de atores sociais, incluindo o MST, para aumentar ou não a aplicação de recursos para reforma agrária. Uma decisão não é determinada por um fator porque a sociedade é um processo complexo em que vários fatores se articulam. Portanto, no meu entendimento, o equívoco é da má teoria. Os meios de comunicação nunca foram nem o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro, muito menos o quarto poder. Uma boa teoria deveria entender que eles são um poder a mais. Isso é inegável. Esses exemplos citados, dentro das circunstâncias, num conjunto todo, a mídia não teve um papel determinante. Mas em outros casos se estudados fossem, nós poderíamos chegar a conclusão que os meios de comunicação foram determinantes. Na realidade, não é um fator e sim vários que levam à determinada causa. O que é importante é se estudar e não ter verdades a priori. Nesses casos que tu estás me chamando atenção, vai depender o grau de democratização e organização da sociedade para determinar. Numa sociedade mais esclarecida, mais organizada através de movimentos sociais, provavelmente existe menos intensidade da influência dos meios de comunicação. Parece que foi o que